

# P R E S E N T E !

## S R R . D R . C A S A I S M O N T E I R O

**C**ONSIDERANDO-ME incluído no grupo daqueles discípulos do Dr. Abel Salazar, «que por dá cá aquela palha atiram à cabeça (dos demais) com meia dúzia de termos técnicos—sôma, esquizóides, pícnicos, ciclotímicos, etc., etc.»—respondo à sua chamada, inserta no «simples comentário a um artigo do sr. dr. Abel Salazar «e publicado no n.º 4 do *Sol Nascente* com algumas considerações tendentes a demonstrar que não é por simples «incontinência verbal» nem por amor à trapalhice, que tenho vindo a público com assuntos que me parecem disso merecedores, dada a sua importância, mas para fugir ao crime de guardar para mim, idéas que devem ser de todos e que o não seriam por falta de condições de vida que permitissem à grande massa o dispêndio do tempo necessário para com ellas se relacionar.

E' esta, a meu vêr, a grande missão daquêles que, mercê de especiais favores da vida, se podem pôr em contacto com os problemas que a Humanidade vai apresentando.

Diz o sr. dr. Casais Monteiro que é preciso espalhar espirito científico ao mesmo tempo que se espalhe ciência. A complexidade que envolve o simples termo «espirito científico» não nos permite uma ampla justificação que exigiria êste ponto.

De acôrdo consigo, no entanto, já não é a primeira vez que tenho feito vêr que não deve tomar-se a psico-somática ou a caracterologia, como uma fórmula rígida em que cada individuo se teria de encontrar inteiramente incluído.

Por exemplo, disse já algures que, quando Kretschmer considera os individuos somaticamente divisíveis em pícnicos e leptosômicos com a sua variedade sub-mórbida—asténicos—, não quere com isto dizer que um determinado individuo tenha forçosamente de se encontrar com as medidas médias que caracterizam cada um destes grupos. Eles significam tendências, médias e não são, de modo algum, exclusivistas. Permitem-nos, sim, a criação de padrões, em função dos quais podemos estudar somaticamente um individuo.

Frisei já também que não devemos deixarmos ludibriar por teorias unilaterais pseudo-científicas como aquêlas que nos levam a avaliar do psiquismo dum individuo, em função do maior ou menor grau de gasto das solas das suas botas. O problema é complexo e só com grande soma de elementos podemos caminhar na verdade científica.

Queira ou não acreditar no grande valor científico de quem nos orienta—a nós, jovens de que fala—, terá de concordar que são um tanto impensáveis as acusações que nos faz de que escrevemos por escrever, ajudando com isso a enraizar as falsas idéas daquêles que crêem que a juventude actual faliu e que tudo se resume a um bando de asminhos que limitam, as suas preoccupações às côres das gravatas a usar ou ao preenchimento do seu carnetzinho com as datas de baillaricos mais ou menos pelimtras.

Não nos impomos como «vallores» por humilhante e iníqua nos parecer essa qualificação, mais arrogamo-nos o direito de ser ouvidos como seres activos, vivendo o momento, igual ao dos consagrados e ao dos mais idosos.

A nossa divisa é viver e actuar.

Vejo no bocadinho que me toca do seu *Comentário*, mais um conselho do que um ralho: contra êste último, insurgir-me-ia por o considerar injusto; pelo primeiro, estou-lhe agrade-

cido. E' em função dêle que seguirá êste esclarecimento.

//

A caracterologia não é, nem pretende ser «uma panacea universal para todo o serviço». Ela não pretende curar coisa alguma mas sim explicar e **conseguir** uma base sólida em que assente o estudo do Homem. E não pretende curar, porque esta acção é estranha ao seu fim, embora os seus meios se encontrem, por vezes, entre doentes, quer somáticos, quer psíquicos.

Se V. Ex.º quizer considerar as suas consequências terapêuticas como pertencendo-lhe propriamente, cairemos numa discussão de critérios que me não parece muito justa, dado o desinteresse da questão para mim e para o público em geral. Levar-nos-ia para um campo especializado onde talvez nos não sentíssemos à vontade, dadas as nossas habilitações—suas e minhas—para tratar de assuntos psicoterápicos.

Supondo desde já que não é êste o caminho seguido cingir-me-ei à caracterologia em geral—as suas consequências filosóficas, históricas e políticas tendo já sido mostradas várias vezes noutros locais e mesmo neste.

**Caracterologia em geral:** A caracterologia estuda a face psicológica, o caracter, a forma mental, dos individuos humanos (Berardinelli). (E' necessária esta limitação de acepção, para não acontecer cairmos em confusões, desde que diversas acepções têm sido dadas a êste termo).

Esta face psicológica pode ser estudada seguindo dois caminhos isoladamente ou considerando-a função doutros factores não psíquicos.

As duas orientações têm sido seguidas e inúmeros são os trabalhos aparecidos, relatando as conclusões que permitiram.

Uma primeira dificuldade se apresenta aqui, ao iniciado nestes estudos—qual o caminho a seguir? Enveredar por aquêle estritamente psicológico, em que o individuo é apreciado em função de si próprio e em que o êrro pessoal, hoje tão bem pôsto em evidência noutros ramos da ciência, é máximo, embora se tente já recorrer a *tests* como auxiliares de trabalho, *tests* que demandam, por si sós, aturados estudos para a sua composição que deveria variar de raça para raça e de meio para meio? Seria árdua a tarefa e sérios os riscos de falsear os resultados positivos.

Resta-nos o segundo caminho—estudar o psiquismo em função de factores extra-psíquicos. Dêstes, o mais acessível é o sôma-corpo, forma exterior.

Seguindo esta orientação, vamos encontrar investigadores do quilate de Penide, de Naccarati, de Vidoni e do, já entre nós tão falado, Kretschmer mas, já antes dêstes, como diz Berardinelli, outros espiritos se tinham preocupado com o paralelismo psico-físico: **Cervantes, Lavater, Goethe, Zimmermann, Sulzer, Montaigne, Wolf, Salomão, Ecclesiastes, Cicero, Bacon, Leibnitz, Ernesti, Gellert, Rerder** etc.

Que mais será preciso para fazer crêr que o problema tem razão de existir e que não serão perdidos os passos dados para o resolver? Que mal poderá existir em considerar que o individuo humano pensa **também** com o corpo e não exclusivamente com o cérebro? Em que ficará diminuído, **positivamente**, um génio, ao dizer-se que êle o foi mercê de condições somáticas e psíquicas a isso favoráveis?

Tôda a reacção provocada pela divulgação dêstes conceitos, nasceu, a meu vêr, duma total

(Continúa na página imediata)

# A E S F I N G E

por L U Í S D E S A N J U S T O

**H** A' milénios erguida magestosa  
no limiar do Gizeh,  
com os flancos fustigados pelas areias  
do Deserto

arrebatadas pelo simoun,  
estava a Esfinge  
a guarda vigilante  
dos lídimos arcanos da Ciência Antiga.  
De face impenetrável e olhar frio  
ia propondo à louca Humanidade  
o seu profundo  
o seu incógnito  
o seu insondável problema!  
A' ansiosa interrogação do fraco humano  
calava cada vez mais seu segrêdo  
e ficava impassível, muda e fria,  
sob as estrélas da noite misteriosa.  
Contra o enigma de pedra  
pulverizavam-se as vontades mais tenazes  
como as borboletas que queimam as asas  
atraídas pela luz da chama viva.  
E' ela  
a orgulhosa  
continuava callando o seu segrêdo  
no seu silêncio augusto e milenário.  
Os séculos passaram,  
mil sois abraçaram a hierática figura,  
o luar iluminou mil vezes  
o seu perfil severo,  
o vento cálido bafejou a sua face  
e a Esfinge  
sinistra e muda  
interrogava o caminheiro torturado  
e calava-se sempre inexorável!  
Um dia  
surgiu-lhe por diante  
um pioneiro ousado—o E'dipo da lenda,  
e o monstro estremeceu  
ao ouvir concisa e clara  
a resposta do Homem: «Sou Eu!»

*Eu sou!* foi êsse o brado decidido  
do Homem libertado  
que a Grécia fez surgir altivamente  
aureolado por um clarão de luz!  
*Sou Eu! Sou Eu!* desfeito era o mistério  
tenebroso  
da Esfinge de então;  
e pelos séculos ficou vibrando  
o grito de allforria heroico e puro  
e pelos séculos brilhou, resplandecente  
como um sol,  
o facho que a Helada acendeu!  
Mas a noite voltou  
e pouco a pouco  
de novo foi-se erguendo temerosa  
a sombra da Esfinge.  
Os séculos caíram um a um  
na gigantesca  
clépsidra de Cronos.  
E um novo enigma foi proposto  
maior do que o primeiro.  
A Esfinge permanece no deserto  
torturando a razão da Humanidade  
e sob a sua máscara de pedra  
de olhar frio,  
está um imenso ponto de interrogação.  
Mas vivemos agora um século de análise  
e o Homem que venceu  
o tempo e o espaço,  
que aprendeu a levar o pensamento  
num relâmpago  
dum ponto do globo ao seu antípoda,  
que possui a faculdade  
de perfurar com raios X a opacidade dos corpos,  
ha-de solver também  
o novo enigma da Esfinge:  
E'dipos, hão-de surgir, também de novo e para  
definitivamente  
responder:—*Somos Nós!*  
E então,  
a Esfinge falará,  
e quando ela falar...  
os Homens hão-de ser felizes e perfeitos.

incompreensão do seu fim e das suas bases. Os termos, por serem técnicos (a caracterologia é uma ciência), não são menos acessíveis. Têm de existir como existem os termos-bacalhau, arroz, casa, etc.—para designar as diferentes coisas que por êles deverão ser entendidas. Não são bonitos nem feios, são termos como outros quaisquer. Não os deturpem e não encontrarão nêles qualquer ofensa.

Emfim, como dizia o Banana, duas atitudes podem ser tomadas perante estas idéas—ou nos sentimos atraídos por elas e as estudamos, podendo então discuti-las com argumentos razoáveis, ou nos são antipáticas (o que já não revelaria grande espírito científico—esta antipatia à priori) e não as estudamos; mas então, não nos é permitido o direito de matraquear os ouvidos dos restantes mortais com lamentações, umas parvas, outras plégais, outras ainda, absolutamente bacócas.

Princípio basilar para quem quizesse discutir estas teorias e hipóteses, seria o de procurar estudá-las e compreendê-las antes de vociferar tolices de grôssio calibre que, se são por vezes hilariantes, são tristemente indicativas da fraca mentalidade de quem as solta.

//

Foi demasiado o espaço que roubei ao *Sol Nascente* com esta conversa—a primeira—que gostosamente travei com o Senhor Doutor Casais Monteiro, a quem sinceramente agradeço o ensejo que me deu de fazer crêr aos leitores que não é «por dá cá aquela palha» que nós—os jovens—nos lançamos ao estudo de assuntos sempre actuais, procurando fazer frutificar êsse estudo por uma mais larga sementeira.

C A R L O S D E S O U S A E S T R A D A

SOL NASCENTE

11